

DIMENSÃO SOCIAL DA QUESTÃO AMBIENTAL: CONTRIBUIÇÕES DA OBRA DO PROF. MILTON SANTOS À COMPREENSÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

Rita de Cássia Ariza da Cruz
Departamento de Geografia FFLCH/USP

RESUMO:

O presente texto tem como principal objetivo discutir a natureza da chamada *questão ambiental*, entendida como uma questão social. Esta reflexão está baseada, sobretudo, na obra do Prof. Milton Santos, geógrafo brasileiro que mais contribuiu – até hoje – para a compreensão da dimensão social do espaço geográfico.

PALAVRAS-CHAVE:

meio ambiente – natureza – questão ambiental – discurso ecológico – questão social

ABSTRACT:

This text intends to discuss the nature of *environmental matter*, understood as a social matter. This reflection is based, mainly, on Professor Milton Santos' works, the brazilian geographer who has most contributed to the comprehension of the social dimension of the geographic space.

KEYWORDS:

environment – nature environmental matter – ecological speech – social matter

Introdução

Um dos grandes paradigmas deste fim de século é a *questão ecológica*.

Termos como degradação, conservação e preservação ambientais tornaram-se expressões cotidianas, apropriadas (na maior parte das vezes, com pouca ou nenhuma reflexão) pelos grupos denominados ambientalistas, e transformadas neste *senso comum* que tem permeado os debates acerca do que se habituou chamar *questão ambiental*.

É neste contexto que, por exemplo, a Amazônia, o Pantanal matogrossense e a Mata Atlântica - falando-se apenas do território brasileiro -

são promovidos à condição de santuários, dando sentido ao que DIEGUES (1995) chama de *mito da natureza intocada*.

Esta natureza intocável, porém, tão cara aos movimentos ambientalistas é, cada vez mais e mais intensamente, um dado social. Conforme M. SANTOS:

A primeira presença do homem é um fator novo na diversificação da natureza, pois ele atribui às coisas um valor, acrescentando ao processo de mudança um dado social (1996, p. 105).

E, desde esta primeira presença do homem na natureza, até hoje, toda a evolução histórica da humanidade se deu no sentido da socialização dos homens e da socialização da natureza.

O meio ambiente do discurso ecológico dominante carece, muitas vezes, de dimensão social, essência de todo espaço geográfico. Desta forma, constitui um meio de materialidade apenas parcial, a materialidade dos elementos naturais que o compõem conforme convém à manutenção e perpetuação do discurso e dos interesses dos atores hegemônicos.

Meio ambiente e ecologismo

O *movimento ecológico* constitui, na atualidade, um dos movimentos melhor organizados da sociedade civil. Em todo o mundo, multiplicam-se entidades governamentais e não-governamentais cujo principal desígnio é o gerenciamento de questões relacionadas à conservação/preservação do planeta.

Ser ambientalista ou, simplesmente, posicionar-se a favor da causa defendida por este, significa estar em consonância com o *senso comum* relativo à problemática ambiental (Por que contrapor-se ao discurso dominante?).

Diversas teses e dissertações, nas mais variadas áreas do conhecimento, têm se dedicado ao estudo de questões relativas ao tema. Cursos nesta área, em nível de graduação e pós-graduação, têm sido criados (Bacharelado em Ecologia, Unesp, Rio Claro; Mestrado em Ciências Ambientais, USP, São Paulo). Tudo isso resultando numa *ecologística*, amplamente apoiada pela mídia e, conseqüentemente, com grande repercussão sobre todas as camadas ou classes sociais, em todos os recantos do planeta.

O discurso ecológico vigente, apoiado nesta visão parcial e equivocada do ambiente, não contém o verdadeiro significado de um *movimento ecológico*: trata-se, na verdade, de uma forma de *ecologismo*, ou seja, um (frágil) modismo em torno de temas ecológicos.

É a partir destes modismos que é criada e difundida a *ecoterminologia*, que enfeita o discurso do ecologismo: *ecodesenvolvimento, ecosustentabilidade, ecoindústria, ecomarketing, ecobusiness, ecomercado, ecoturismo...* (Daqui a pouco não se poderá denominar nada sem o prefixo eco: ecosapato, ecobiscoito). Difícil tem sido saber o que se quer dizer com estes verbetes, sub-repticiamente acrescentados ao nosso vocabulário cotidiano.

Meio ambiente/meio técnico-científico-informacional

Houve um tempo em que a natureza se resumia à natureza natural e entre esta natureza e o homem não havia intermediações. A criação e o aperfeiçoamento de objetos alteram substancialmente esta relação, que passa, gradativamente, a ser mediada pela técnica. Este salto se dá entre final do século XVIII e início do século XIX. O meio técnico substitui o meio natural. (SANTOS, 1994a)

Já no século XX, fundamentalmente após a II Guerra Mundial, dá-se o grande desenvolvimento das ciências em geral, acompanhado da crescente *informatização do território*.

Meio ambiente, espaço geográfico, meio técnico-científico-informacional. Diferentes designações para um mesmo significado: o espaço, hoje impregnado de técnica, ciência e informação.

Algumas das principais características desta nova fase histórica, sob a qual se engendra esta nova dimensão do espaço geográfico, são a "multinacionalização das firmas e a internacionalização da produção e do produto; a generalização do fenômeno do crédito, que reforça as características da economia da vida social; os novos papéis do Estado em uma sociedade e uma economia mundializadas; o frenesi de uma circulação tornada fator essencial da acumulação; a grande revolução da informação que liga instantaneamente os lugares, graças aos progressos da informática" (SANTOS, 1994a:123).

O meio técnico-científico-informacional corresponde ao meio geográfico do período histórico atual. Regido pela técnica e pela ciência, o espaço assim concebido é, ainda, fortemente determinado por fluxos de informação. Neste sentido, coloca M. Santos:

Os objetos geográficos, cujo conjunto nos dá a configuração territorial e nos define o próprio território, são, cada dia que passa, mais carregados de informação (1994a, p.140).

O meio ambiente do discurso ecológico dominante tem se reduzido, porém, àquela natureza natural, dos primórdios da história do homem no planeta. E como esta natureza há muito deixou de existir, este discurso, carente de fundamentação teórico-filosófica, tem se limitado à criação de chavões e à difusão de modismos. O meio ambiente, assim concebido, é irreal.

A dimensão social da questão ambiental

Diversos problemas de dimensão eminentemente social têm afligido a humanidade, principalmente as sociedades mais pobres. Dentre estes, podem ser citados os elevados índices de analfabetismo, as altas taxas de mortalidade infantil, a disseminação da pobreza e da miséria, a excessiva concentração de renda, a violência urbana nas grandes metrópoles, a fome, as guerras, o desemprego, o consumo e o tráfico de drogas, entre muitos outros.

Uma listagem exaustiva destes problemas consumiria diversas páginas iguais a esta (além do que poderia levar algum leitor a um estado de depressão). Mas, uma rápida reflexão sobre estes indicadores sociais leva às seguintes conclusões:

1. a maximização da questão ecológica tem levado a uma supervalorização de problemas ambientais, em detrimento de outros problemas sociais, igualmente relevantes (veja-se as vultosas quantias de capital destinadas às *causas ambientalistas*);

2. em consequência do exposto acima, o discurso ambientalista tem constituído mais uma forma de dominação ideológica por parte dos atores hegemônicos, pouco contribuindo para o necessário repensar da relação entre os homens e entre estes e o meio que os acolhe e lhes dá suporte;

3. a questão ambiental, da forma como vem sendo tratada, ensombreia a compreensão do espaço geográfico - espaço social - contribuindo para a perpetuação da ordem vigente: aquela em que o mundo se apresenta dividido entre espaços do mandar e espaços do fazer, entre atores hegemônicos e atores hegemonzados, entre pobres e ricos.

A razão técnica do discurso ecológico dominante

Cabe, neste momento, indagar: por que a questão ambiental ganha tamanho destaque frente a tantos outros - e igualmente tão graves - problemas sociais? Resolvendo-se as distorções presentes na relação homem-natureza estará se resolvendo os problemas que as engendraram?

Isto funciona tanto quanto eliminar o efeito, visando-se eliminar a causa, ou matar o doente para erradicar a doença.

Diversas respostas podem vir à tona frente a estas indagações e, entre elas se encontra a *razão técnica da questão ambiental*.

Problemas como a fome, a pobreza ou o consumo de drogas, por exemplo, não podem ser banidos a partir da simples utilização de algum tipo de tecnologia. Estes são problemas cujo conteúdo sócio-político-econômico é evidente.

Por outro lado, a despoluição de um rio, a recuperação de uma área degradada, a reciclagem do lixo, embora somente sejam possíveis a partir de uma posição sócio-política-econômica que defina a utilização da tecnologia para estes fins, constituem objetivos passíveis de serem alcançados uma vez tomada aquela posição pelo uso da técnica.

Mas, qual a técnica capaz de eliminar a fome no mundo, de assegurar a produção cada vez maior

de alimentos e com menor custo, não assegura a igual distribuição destes alimentos entre todos os habitantes do planeta?

Talvez esta seja uma das razões porque os problemas ambientais têm se sobreposto a todos os outros problemas sociais. Despoluir o rio Tietê é infinitamente mais fácil do que eliminar a pobreza no município de São Paulo.

Considerações Finais

Não são os micos-leões-dourados ou as araras-azuis, tampouco as tartarugas marinhas, os responsáveis pelas alterações negativas na qualidade do ambiente, a que habituamos chamar de problemas ou de impactos ambientais.

Quem são, então, os responsáveis por tais danos? A resposta o homem surge rapidamente. Mas a qual homem esta afirmativa se refere? Ao aborigene australiano, a uma tribo ianomâmi, aos empresários ou a nós, nossos familiares, amigos e vizinhos?

Sendo o espaço geográfico uma construção social, as relações homem-natureza são intermediadas, sempre, pelas relações que se estabelecem entre os homens, pelas relações sociais. Não há relação homem-natureza que não seja o resultado, a tradução, no espaço, das relações sociais.

Desta forma, os *problemas ambientais* nada mais são do que a materialização, no espaço, das distorções e contradições presentes nas relações sociais.

Por fim, pode-se concluir que toda medida relativa à melhoria da qualidade ambiental preservação de uma dada área, despoluição de um rio, rodízio de automóveis será sempre um paliativo, por mais significativa que possa parecer.

Tais medidas não são capazes de atingir o cerne da questão. Sem alterações profundas nas relações entre os homens não será possível modificar as relações entre estes e a natureza. E oitocentos milhões de pessoas continuarão dormindo com fome todos os dias, salvaguardadas pela proteção das baías, das araras-azuis, dos micos-leões-dourados.

Bibliografia

DIEGUES, Antônio Carlos. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: NUPAUB, 1995.

SANTOS, Milton. *Técnica, tempo, espaço: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: HUCITEC, 1994a.

_____. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão*

e emoção. São Paulo: HUCITEC, 1996.

_____. *Metamorfoses do espaço habitado*. 3a. ed. São Paulo: HUCITEC, 1994b.

_____. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. *Espaço e sociedade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1979.

